

S O M B R A S

N O A S F A L T O



L U Í S D I L L



Copyright do texto © 2011 by Luís Dill

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Sabine Dowek

PREPARAÇÃO

REVISÃO
Arlete Zebber
Ana Luiza Couto

COMPOSIÇÃO
Lilian Mitsunaga

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dill, Luís
Sombras no asfalto / Luís Dill. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN: 078-85-250-1058-5

1. Ficção - Literatura juvenil - i. Título

11-09029 CDD-028.5
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura infantil. 028.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARTZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

A vida é um minuto.

OSCAR NIEMEYER

- CAPÍTULO 01**
- CAPÍTULO 02**
- CAPÍTULO 03**
- CAPÍTULO 04**
- CAPÍTULO 05**
- CAPÍTULO 06**
- CAPÍTULO 07**
- CAPÍTULO 08**
- CAPÍTULO 09**
- CAPÍTULO 10**
- CAPÍTULO 11**
- CAPÍTULO 12**

Abra os olhos, disse o ruído do motor. Era um grito metálico de monstro agonizante. Abra os olhos. Engrenagens anciãs escravizadas pela estrada berrando através da surdina inútil. Vamos, abra os olhos, insistiu naquele farfalhar tuberculoso de metais enferrujados.

Ela obedeceu à ordem mecânica. Mesmo sem vontade de querer. Abriu os olhos para a massa de coisas sem cor e sem foco bem diante do seu nariz sobre a cama. Um universo inteiro ainda a ser desvendado. Acordou do jeito que pôde. Do jeito que sabia. Boa sorte, ainda pronunciou o motor enquanto mergulhava no silêncio da distância.

Piscou, esticou o rosto como se o estivesse espreguiçando. Longo bocejo. Ainda não via nem raciocinava

com clareza. Era assim todas as manhãs. Primeiro o despertador ao alcance de sua vontade de permanecer dormindo. Depois, a mãe, os dedos quentes retirando o excesso de cabelo de seus olhos, mãos delicadas afagando suas costas, a cantoria sem letra ouvida desde sempre e interpretada apenas com leve vibração de garganta. Em seguida o chamado, Bonitinha, bonitinha, tá na hora, vem pra não te atrasar. Próxima etapa era a suave luz de cabeceira. Vem, bonitinha, vem lavar o rostinho e tomar café. Aí abria os olhos: a figura da mãe, uma forma pulsando devagar, etérea, e, apesar disso, sabia ser sempre ela. Os ouvidos já iam tateando o som das notícias que o pai escutava na cozinha, e os bipes vindos do Pentium III do irmão menor, verdadeiro fanático por jogos e por internet. Tudo sem ordem nem definição, mas agradável, rotineiro, familiar.

Agora não.

Era diferente.

Não havia nada conhecido no que escutava, nas imagens a sua volta. Isso foi acelerando o processo normalmente tão lento. Sair do sono era custoso. A mãe retirava o cobertor, o lençol, a ajudava com as pantufas, com os passos até o banheiro, onde a água fria no rosto a feria, a colocava dentro da realidade matinal de xícaras de café com leite, de pão quentinho com bastante manteiga salgada, de brincadeiras do pai sobre sua letargia e as reprimendas da mãe, Ai, não amola ela, acabou de acordar, cada um tem seu ritmo, meu bem.

Agora não.

Tinha algo errado.

Fora do lugar.

Onde estava o ritual de todas as manhãs? Teria dormido demais? Tanto a ponto de perder a aula e o almoço? Estaria com febre? Gripe? Daí porque aquela dor no corpo? E a dor começava a ser adivinhada nos ossos e nos músculos.

Não.

Faltava algo.

Mesmo que tivesse dormido além da conta, a mãe estaria por perto. Se o problema fosse doença, por menor que o médico ou o termômetro dissessem, o pai daria uma fugidinha do trabalho para paparicá-la, trazer-lhe carinho, às vezes presentes. Em qualquer hipótese não estaria sozinha. Jamais. Em hipótese alguma. Sozinha do jeito como desconfiava se encontrar no momento.

Só.

Isso a colocou em alerta. Apesar de sua famosa deficiência de sair da cama, ela fez grande esforço, movimentou braços, pernas, tronco, cabeça. Encolheu-se, equilibrou-se. Conseguiu sentar. Percebeu o sangue circulando veloz, produzindo uma corrente de baixa amperagem em cada membro que usou na manobra.

Só?

Não podia ser. Nunca estivera só antes. Pelo menos não pela manhã. Começar o dia sem a presença da família não fazia sentido. Até nos domingos ou feriados, quando se deixava dominar pela preguiça, quando era clara a possibilidade de sono estendido,

também nessas ocasiões, os ruídos da casa denunciavam o conforto da presença do pai, da mãe, do irmão. Sozinha? Como?

Esfregou os olhos, arrumou os cabelos, buscou foco. A massa na sua frente foi deixando o estado de gás, ganhou cores, volume e contornos sólidos.

Aí deu de cara com o impossível.

Bem próximo dos seus joelhos, sobre o lençol muito branco e muito esticado, estavam um buquê de rosas vermelhas, uma bolsa cheia de dinheiro e uma perna mecânica.